



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

CAIS DO SOBRÉ, 55

Tip. R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

A Conferência de Estocolmo

Como em todas as questões da actualidade, atinentes à guerra, estabeleceu-se em torno da conferência de Estocolmo uma enorme confusão; notícias falsas ou tendenciosas, mútuas acusações de manejos oficiais, desconfianças, hesitações, polémicas, passaportes negados, delegações officiosas, falta de documentos e informações exactas, tudo isso vem obscurecer este esforço do socialismo internacional e impossibilitar um juízo seguro e completo. Limitemo-nos, pois, por enquanto, a arquivar alguns documentos interessantes que encontramos nos jornais franceses.

A convocação

Tendo algumas secções negado à comissão sueco-holandesa competência para convocar a chamada Internacional socialista, foram os socialistas russos que tomaram a iniciativa do convite, nos seguintes termos:

«A 28 de Março, o Conselho dos delegados dos operários e soldados dirigiu um apêlo aos povos do mundo, no qual convidava os povos europeus a actos decisivos comuns em favor da paz. O conselho dos delegados dos operários e soldados e com elle toda a democracia inscreveram na sua bandeira: *Paz sem anexações, nem contribuições baseada no direito das nações a dispo-rem de si próprias.*

«A democracia russa forçou o primeiro governo provisório a reconhecer este programa, e como o provaram os sucessos de 3 e 4 de Maio, não permi-

tiu ao governo provisório que dele se afastasse. O segundo governo provisório pôs esse programa, a instâncias do Conselho dos delegados dos operários e soldados, como primeiro ponto da sua declaração.

«A 9 de Maio, decidiu a comissão executiva do Conselho tomar a iniciativa de convocar uma conferência socialista internacional, e a 15 de Maio dirigiu um apêlo aos socialistas de todos os países incitando-os à luta comum pela paz.

«O Conselho dos delegados dos operários e soldados considera que a cessação da guerra e o estabelecimento da paz internacional, exigida pelos interesses comuns das massas operárias e de toda a humanidade e da democracia socialista, não podem obter-se senão pelos esforços internacionais combinados dos partidos e sindicatos operários dos países beligerantes e neutros por uma luta enérgica e tenaz contra o morticínio universal.

«O primeiro passo necessário e decisivo para a organização de tal movimento internacional é a convocação duma conferência internacional, cuja principal tarefa deve ser o acôrdo entre os representantes do proletariado socialista, tanto no que se refere à liquidação da politica de união sagrada com os governos e as classes imperialistas, que exclui de todo a luta pela paz, como no que diz respeito aos meios desta luta. O acôrdo internacional para a liquidação dessa politica é em geral a permissão necessária para organizar tal luta sobre uma base larga e internacional.

«Este caminho é indicado ao proletariado pelos seus acordos internacionais.

«A convocação duma conferência é também imperiosamente ditada pelos

interesses vitais comuns do proletariado e de todos os povos.

«Os partidos e as organizações das classes operárias que compartilham essas opiniões e estão prontos a unir os seus esforços para as realizar são convidados pelo Conselho dos delegados dos operários e soldados a tomarem parte na conferência por ele convocada. O Conselho dos delegados exprime a sua firme convicção de que todos os partidos e organizações que aceitarem este convite aceitarão também a obrigação inflexível de aplicar à vida todas as decisões desta conferência.»

«O Conselho dos delegados dos operários e soldados escolhe Estocolmo como lugar da conferência e fixa a época da sua convocação entre 28 de Junho e 17 de Julho.»

O sentido da Conferência

O apêlo acima publicado foi transmitido de Petrogrado em 3 de Junho. Em 29 de Maio, tinha o *Journal du Peuple* reproduzido do *Socialiste Belge*, órgão de Camilo Huysmans, alguns extractos dum artigo de fundo. Damos em seguida a sua tradução.

«A Internacional não vai a Estocolmo para desempenhar incumbências dos governos beligerantes, sejam eles quais forem: a Internacional vai a Estocolmo trabalhar por sua própria conta. E é essa justamente a grande importância histórica da Conferência de Estocolmo.»

«Mas a Internacional quer estar presente no momento da conclusão da paz e há-de estar. Não sabemos se a paz se prepara já em Estocolmo.»

«A paz deve fazer-se o mais rapidamente possível, mas deve servir os fins do proletariado universal...»

«A Internacional quer agir como potência independente ao lado de outras potências históricas. E quer, no momento decisivo, lançar a sua força na balança...»

«A revolução russa escreveu em letras de sangue o *Manifesto*. Não somos absolutamente de opinião que a

transformação democrática da Europa poderá deter-se na Rússia. O proletariado bate a todas as portas e exige o seu lugar ao sol. Por esse facto é Estocolmo a continuação directa da revolução russa...»

«A aversão dos camaradas da pequena maioria francesa para ir a Estocolmo desapontou-nos sinceramente... Perguntamos-lhes: Não fixais vós os olhos no chão com excessiva ansiedade? Não será demasiadamente restricto o vosso horizonte? As preocupações que tendes para saber se tal ou tal grupo, que deve responder por muitos delitos, será ou não admitido, ou se se deliberará em separado ou em comum, — não serão essas preocupações bem insignificantes no quadro da situação histórica actual?»

Convém esclarecer, a propósito desta passagem, que a «pequena maioria» sempre decidiu aceitar a convocação da conferência, tendo para isso contribuído o depoimento e incitamentos de Moutet, que por essa mesma maioria fora enviado à Rússia.

O POVO

Tinham-lhe dado baixa pela junta na véspera. Iamos nós rua fora, quando se deslocou no passeio a sombra dum ramo de árvore agitado pelo vento, e elle estremeceu, fazendo uma visagem de nojo.

— Não é nada, disse-me elle; ia cá absorto. É elle aquelle movimento de sombra no chão... por um instante pareceu-me que era uma rata... Vivi muito tempo com as ratas... Devo ser desculpado... Eu tinha hábitos pesados: vivia na alternância do aboletamento e da trincheira. Passei noites inteiras na imobilidade. Como quem espera uma boa ou má cartada, esperava eu a alternativa da vida ou da morte. Ainda não estou afeito ás vossas grandes ideias: vivo com pequenas sensações...»

Lá as vossas ideias, as vossas ideias